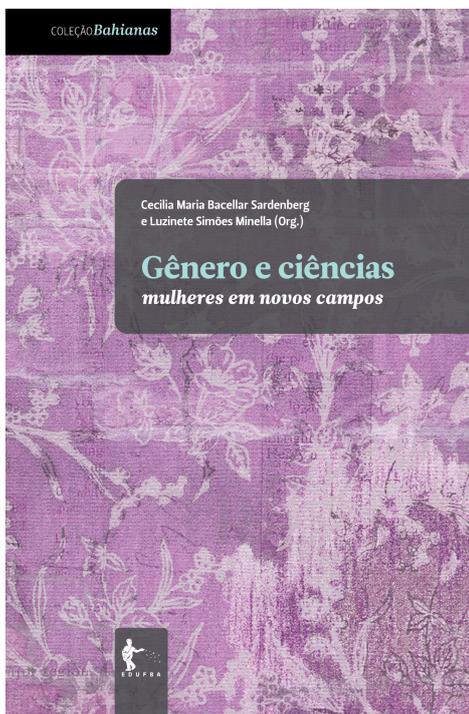




## RESENHAS

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar;  
MINELLA, Luzinete Simões (Org.).  
**Gênero e Ciências: mulheres em  
novos campos.** Salvador: Edufba/Neim,  
2016. 292 p. Coleção Bahianas; 18.

Elineide Rodrigues de LUNA, *Universidade do Estado de Santa Catarina*



Uma análise descritiva é o que se apresenta a seguir, cujo texto-fonte é a coletânea *Gênero e Ciências: mulheres em novos campos*, organizada por Cecília Maria Bacellar Sardenberg e Luzinete Simões Minella (2016). Reúne textos escritos por autoras, feministas, professoras e pesquisadoras que procuram analisar o Gênero nas diversas áreas disciplinares, como Biologia (Ângela Maria Freire de Lima e Souza), Medicina (Luzinete Simões Minella), Antropologia (Cecília Maria Bacellar Sardenberg), Farmacologia (Caterina Rea), Matemática (Márcia Barbosa Menezes) e Sociologia (Vinicius Kauê Ferreira).

Cecília Maria Bacellar Sardenberg, a primeira organizadora do livro, é antropóloga, acadêmica e pesquisadora. É uma das fundadoras do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), atuando na mesma instituição como professora titular de Antropologia. Já Luzinete Simões Minella, a segunda organizadora, é socióloga, também acadêmica e pesquisadora. É docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), particularmente na linha de pesquisa “Estudos de Gênero”.



As organizadoras da coletânea têm em comum o ativismo feminista e a pesquisa acadêmica engajada, principalmente com a ampliação das reflexões de gênero nas ciências, criando novas abordagens e olhares científicos, que possibilitem mais estudos sobre as experiências de mulheres cientistas, promovendo assim o incentivo ao maior ingresso e participação feminina, principalmente nas ciências ditas “duras” como a Física, a Química e a Matemática.

Esta resenha sintetiza os diferentes temas e aspectos reunidos nos diversos capítulos desse livro, traduzidos em um conjunto de reflexões das autoras, no sentido de apresentar uma crítica feminista à Ciência no Brasil. A obra foi resultado de um trabalho conjunto que reuniu estudantes, professoras e pesquisadoras do PPGICH/UFSC e do PPGNEIM/UFBA, em um projeto que teve início em 2008, estendendo-se até o segundo semestre de 2013.

“Gênero e Ciências” foi uma das temáticas em foco nesse intercâmbio, no qual também foram objetos de reflexão, “Gênero e Violência” e “Gênero e Feminismos”. O objetivo do intercâmbio entre as universidades foi criar um espaço de “reflexões conjuntas, multidisciplinares, voltadas para a crítica feminista às ciências” (p. 8), uma vez que mesmo após os estudos feministas terem alcançado presença efetiva no Brasil, “os estudos sobre gênero e ciências no país ainda são bastante incipientes” (p. 8). No prefácio da obra, Cecilia Maria Bacellar Sardenberg e Luzinete Simões Minella apontam para a necessidade de aprofundar esse debate, já que com o caminhar dos estudos feministas na crítica às Ciências, veio a tona o *viés androcêntrico* subjacente às diferentes áreas do conhecimento.

As autoras se reportam à história das mulheres nas Ciências para demonstrar que foi principalmente a partir da construção da Ciência Moderna com seus postulados sobre a *fragilidade das mulheres*, que se consagrou a ideia de sua incapacidade para participar na vida política, profissional e intelectual. Chamam a atenção para os objetivos e resultados importantes na trajetória desses estudos que em um primeiro momento procuraram revelar que as mulheres tinham presença reduzida no campo das ciências e que mesmo as que conseguiam furar os bloqueios das regras sociais estabelecidas eram invisibilizadas pelas práticas do patriarcado.

Beneficiando-se de estudos anteriores que foram feitos sobre a vida das mulheres na academia e já utilizando da categoria *gênero* para



suas análises, os estudos feministas partem então para perceber as práticas rotineiras da Ciência e da academia, chegando à conclusão de que o marcador de gênero, tem sido um *fator preponderante* nesse campo e em suas práticas e que as mulheres na *cultura profissional* que se estabeleceu, foram e ainda são prejudicadas.

As autoras também chamam a atenção para o momento mais atual no qual a crítica feminista tem centrado seu foco em investigar a forma como ocorre a produção do conhecimento, revelando e desconstruindo algumas “verdades” da Ciência hegemônica, para a qual, o sujeito da Ciência tem sido predominantemente masculino (e também branco e ocidental); que a neutralidade científica como base para a objetividade científica não passa de um mito (referenciando-se nas obras de Sandra Harding), pois todo o conhecimento é situado (citando na obra Donna Haraway) e que “novas epistemologias feministas se fazem necessárias à produção de um conhecimento engajado com base em uma ‘objetividade forte’, ou seja, que leve em conta a posicionalidade dos sujeitos cognocentes” (p. 9). Concluindo sobre a abrangência desses estudos, as autoras apontam que seria interessante também investigar e avaliar qual tem sido o impacto da crítica feminista às Ciências no interior de cada área do saber e se o feminismo tem contribuído para mudanças nesses campos. Ou se na pior das hipóteses, o feminismo permanece como algo que se sabe, mas que se mantém à margem e se pretende manter na invisibilidade, como um *outro de menor validade*, como apontaram.

A obra reúne capítulos que resgatam a presença das mulheres nos diversos campos das ciências, mostrando como elas foram invisibilizadas pelo patriarcado, mas também como elas reagiram e se colocaram à frente de seu tempo, vencendo barreiras e construindo um papel de sujeitos do saber ao invés de vítimas da opressão, como algumas correntes do feminismo chegaram a apontar.

A coletânea é composta por quatro perspectivas, a primeira é a da “História das Ciências” e engloba os três primeiros capítulos: o primeiro, intitulado *A Ciência e seus discursos: a exclusão das mulheres na Medicina*, de Sabrina Guerra Guimarães e Lina Maria Brandão de Aras; o segundo, intitulado *Feminismo, Sexualidade e Educação Sexual: a tese de Ítala da Silva Oliveira*, de Iole Macedo Vanin; o terceiro, intitulado *A Trajetória Profissional da “Menina de Saia” estampada: caminhos iniciais de uma professora de Matemática em um mundo androcêntrico*, de Márcia Barbosa de Menezes. Reunidos nesta obra,



esses textos dão uma ideia dos discursos que legitimaram a exclusão das mulheres de campos do saber ditos “masculinos”, aprisionando-as, no decorrer dos séculos, ao espaço privado.

Além disso, esses capítulos mostram a experiência de mulheres cientistas ao retratar suas trajetórias nos chamados núcleos “duros” das ciências e suas lutas para vencer os obstáculos que lhes impediam o acesso, tanto acadêmico quanto profissional, ou na tentativa de transformar o campo educacional, como no caso do terceiro capítulo que trata da menina e mais tarde professora Arlete Cerqueira Lima que com seu ímpeto em mudar e fazer avançar a educação da matemática no estado da Bahia, fez críticas ao sistema, desafiando assim o saber dominante, estabelecido por homens da elite intelectual baiana. Porém, não se dando por vencida diante dos obstáculos do contexto em que vivia, Arlete Cerqueira Lima, “exercendo seus micro poderes”, ora transgredindo, ora negociando com os poderes estabelecidos, consegue dar a volta por cima e ser uma das principais protagonistas na fundação em 1960 do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (IMFUBA).

A segunda perspectiva discute as “Culturas das Ciências”, incluindo o quarto e quinto capítulos. O capítulo *Subjetividades na Ciência: narrativas de mulheres no exercício de produção de conhecimento em Biologia*, de Ângela Maria Freire de Lima e Souza e o capítulo *Renomeando-se: nome e autoria em experiências femininas*, de Fernanda Azeredo Moraes. Ângela Maria Freire de Lima e Souza mostra, mediante as experiências de mulheres cientistas na área da Biologia, como as culturas estabelecidas dentro do “mundo acadêmico” dificultaram e ainda dificultam o acesso e a permanência das mulheres no exercício de suas profissões, quando estas tentam driblar “exigências próprias do mundo científico” e ao mesmo tempo buscam dar conta de papéis sociais anteriormente definidos, nos quais as mulheres devem ser mães, cuidadoras e administradoras de seus lares. Cabe aqui refletir sobre um novo olhar para como se estruturam as políticas científicas, particularmente no que tange a compreensão se elas podem realmente favorecer a entrada e a permanência das mulheres nas carreiras científicas e não desestimula-las.

A terceira perspectiva trata do “Gênero nas suas Interseccionalidades”, particularmente com outros marcadores sociais da diferença, como a classe social, etnia, geração e sexualidade. Assim, essa parte da obra compreende o sexto capítulo, *Graduação em*



*medicina no Nordeste e no Sul do Brasil: um enfoque interseccional sobre o perfil do (as) estudantes*, de Luzinete Simões Minella e o sétimo capítulo, intitulado *Revisitando o Campo: autocrítica de uma antropóloga feminista*, de Cecília Maria Bacellar Sardenberg.

A quarta e última perspectiva da obra se situa nos estudos sobre “Feminismos nas Ciências”, incluindo o oitavo capítulo, *Gênero na Farmacologia: reflexões sobre uma área de excelência*, de Caterina Rea e o nono e último capítulo, *Sociologia, Feminismos e Dalit Studies: o novo campo da Sociologia na Índia*, de Vinicius Kauê Ferreira, nos quais se procura analisar o impacto do feminismo e do uso da categoria de gênero em campos da Ciência.

O conjunto de textos reunidos nessa coletânea expressa uma diversidade de abordagens, temas, metodologias, sujeitos/objetos de pesquisa, diferentes espaços e diferentes tempos, mas que tem em comum a crítica feminista ao modo como a ciência se estruturou desde o Iluminismo no século XVIII, com seus postulados fechados e dicotômicos, tendo como referência um “sujeito unificado”, branco, heterossexual, puramente racional e masculino. Prevalecendo a objetividade, a razão e desprezando a subjetividade, a emoção e os afetos inerentes à pessoa humana.

A forma como a Ciência se estruturou pressupõe um “ideal ascético” para os(as) cientistas, como se eles e elas não deveriam ter compromissos com as tarefas cotidianas de cuidado e reprodução de si mesmos e do grupo familiar. Eles e elas deveriam viver para suas profissões em longas horas de trabalho solitário, numa postura, que deveria procurar “a isenção da prática científica, tornando os cientistas como seres pretensamente superiores, que vivem além dos condicionamentos socioculturais, sendo portando capazes de se acercarem da ‘verdade pura’” (p. 128).

Esse ideal hegemônico que foi passado pelas Ciências também incide nas representações sociais que estão no senso comum das pessoas e dos próprios cientistas, e que acabam colocando os mesmos como pessoas “excêntricas”, isoladas do contexto social em que vivem. Segundo os depoimentos de mulheres cientistas na área de Biologia (quarto capítulo) percebe-se que tudo isso dificulta suas vidas, pois as realidades vividas não se resumem a profissão, o que as coloca em uma situação desigual com relação aos “colegas” de profissão do sexo masculino, já que esses são menos “cobrados” pela sociedade, no que diz



respeito aos cuidados com os filhos e a família. Essas cientistas demonstram também toda a dificuldade que enfrentam, quando submetem suas visões sobre si mesmas enquanto mulheres, profissionais e o seu lugar como cientistas a uma leitura de gênero. Essa leitura também deve ser feita a respeito das relações de poder que existem no meio científico e como se estruturou o pensamento científico. Como demonstra Ângela Maria Freire de Lima e Souza, em suas entrevistas com mulheres cientistas da área da Biologia:

[...] fazê-las pensar nesta profissão tendo como pano de fundo sua identidade de gênero é para elas uma experiência inusitada [...] porque este exercício traz à tona uma “novidade”: a associação de lembranças, questionamentos e, sobretudo, emoções ao ato de avaliar a própria carreira, o que, de longe de prejudicar a clareza e a importância dessa análise, a torna mais fecunda e mais contundente (p. 113).

Recomendo essa obra para todos e todas que pensam fazer parte da construção de uma sociedade mais plural e democrática, na qual se busquem a igualdade de direitos e a liberdade, levando-se em consideração as diferenças de pensamento, gênero, raça, classe social, nacionalidade, sexo, sexualidade, religião, étnica, geracional e de capacitismos, presentes entre nós. Essa coletânea pode contribuir para expandir nossas consciências no sentido de uma autocrítica, para pôr fim e desnaturalizar as hierarquizações, dominações e subjugações de toda a ordem, preconceitos, estereótipos, normas e padrões arraigados ao longo de nossas histórias, em nossa cultura, instituições políticas, econômicas, sociais e científicas, nas quais prevaleceu a vontade de uma minoria, em prejuízo de uma grande maioria de indivíduos e grupos.

Para concluir, foi selecionado um depoimento do quarto capítulo, que trata da fala de uma bióloga na casa dos seus 30 anos, casada e mãe de dois filhos pequenos, sobre o *Ser Mulher*:

[...] eu acho que ser mulher é, acima de tudo, um padecer [risos]. Porque eu sempre digo que se eu vier ao mundo de novo, eu não quero vir mulher, não [risos]. Porque homem que passa bem. Meu marido faz assim, ele fala bem assim, na próxima encarnação, se você tiver sorte, você vem homem. Porque o que a gente passa, realmente, a gente sofre muito. A gente sofre desde as coisas mais triviais, que é uma depilação, entendeu? Que é você ter que ir ao cabeleireiro, é você ter que tirar sobrancelha, está entendendo? É você ter que malhar mais do que os homens, porque os homens podem ficar barrigudos e nós não. Até ter que passar por situações no trabalho: assédio, tudo;



discriminação, todas essas questões. Então, ser mulher, é padecer no mundo atual; para mim é isso (p. 117).

Essa obra se propôs a fazer uma leitura a partir dos estudos feministas, analisando a condição de desigualdade que nós mulheres vivenciamos nas várias áreas do conhecimento científico, no passado e também nos dias atuais. Através das diversas reflexões aqui presentes, que com muito êxito, puderam conversar entre si, formando um todo significativo e nos mostrando que novos caminhos podem ser percorridos para que no futuro as gerações de mulheres que virão não reproduzam falas sobre “o ser mulher” como a acima citada.

Que essas falas que virão não se fundamentem em estereótipos de gênero, que incluem “não apenas o comportamento, mas também a aparência” (p. 117) e plasmem “símbolos de feminilidade”, (p. 118) que nos reduzem e oprimem, que sempre quando comparadas aos homens, nos colocam em uma situação de inferioridade, escondendo o que realmente somos: seres individualizados e únicos. Uma Educação e uma Ciência pautadas para a educação das Relações de Gênero, certamente mudarão essas falas no futuro. É o que almejamos!